

Paixão segundo Tancredo Neves

FERNANDO BATINGA

necessárias para a sobrevivência e o crescimento dos partidos, dos cargos públicos, das verbas e poderes, a ambição batizada de ideológica não gerariam um Karma nefasto para todos nós? Vivêssemos não num mar de pobreza e violência e talvez a lei de causa e efeito se manifestasse de forma mais atenuada. Alguém dirá: — exagera-se, e além do mais é normal e necessário para a vida política e dos partidos. Em parte esta observação é correta. A tradição e a inércia mental assim o dizem e reforçam, e mudar o que quer que seja sempre implica esforço e determinação. Mas, se a semente e essa, não nos iludamos sobre o tipo da colheita. Estamos tocando nalgumas questões políticas pois elas são mais fáceis de ser entendidas pelos nossos hipotéticos leitores e não porque sejam as mais importantes. Na verdade elas são desdobramentos de causas anteriores muito mais complexas e de difícil compreensão mesmo para aqueles dotados de potentes cérebros intelectualizados, mas pobres de intuição e de abertura espiritual. Práticas velhas se multiplicam sob a roupagem das palavras novas. Um exemplo, apenas? Estabelece-se um critério para a nomeação do Governador do Distrito Federal: — probo, competente, democrata e residente no local, além de ser palatável ao Senado. As semanas se passam, se passam, e o homem com tais características não aparece... enquanto a situação global do DF se degrada. No meio deste teatro, perguntamos: — ao que se visa? a uma administração correta e democrática ou a uma partilha cheia de conveniências? Vivemos num país luzido e oficial onde perambulam pelas ruas milhões de crianças abandonadas, vegetando nos limites da imaginação; num país assolado por catástrofes que logo são esquecidas, embora as suas seqüelas permaneçam; num país, enfim, cujas grandes cidades são assoladas por uma guerra civil não declarada. Estamos, muito além do simples "não roubar". E a hora do realizar, do ser em favor do próximo, principalmente dos aflitos e carentes. E a hora do exemplo, externo e interno, sem platéias, eleitores e tevês. Alguns dirão: — palavras ingênuas, sentimentos impossíveis neste mundo, idealista filosófico a divagar. Para quem não ouviu, ou quis ouvir, o alerta da colheita obrigatória, resta apenas a lição que todos nós (já tivemos noutras vidas, temporariamente esquecidas) teremos nos últimos segundos da nossa própria "agonia". Essa é a última aula que a Vida nos dá — e nessa, ninguém "gazeteia" ou "cola" — no instante supremo da jornada física. A crise que nos afeta — indivíduo e sociedade, em todos os aspectos —, agora em fase morna, devorará quem se utilizar da astúcia e violência, apesar das palavras e dos shows. No Brasil e no mundo — globo que trabalha dia e noite para a guerra nuclear —, a ora é sombria. A luz que está incólume no seio das trevas somente será alcançada se nos dermos as mãos fraternalmente. Fraternidade interna, no nosso silêncio mais fundo, que se expressará socialmente e nos permitirá diminuir as dores e vencer as ciladas da inevitável travessia. Poucas palavras, muitos avisos. O Karma do

Brasil construído nas senzalas, nos eitos, nas prisões, no genocídio dos indígenas, e agora nas ruas, em todos os lugares e setores, inclusive na participação funesta da corrida bélica, colheu o mais eminente dos nossos homens públicos. A dor que atravessa o querido Presidente deixa a sua marca em cada um de nós. Conjugação de fatores biológicos e espirituais (Kármicos e magnéticos), essa doença — agora batizada de "Coisa" pelos médicos aflitos — está além dos compêndios clínicos. Doença a ser enfrentada pela medicina, mas não só.

A agonia cotidiana do Presidente nos remete, em última instância, a nós próprios — mas quantos disso têm consciência? Remetemos às finalidades primeiras e últimas da nossa vida aqui na superfície do globo, como a dizer-nos: — vejam, reflitam, ajam, sintam a harmonia silenciosa do Universo, até mesmo a deste universo físico, material, e sintam ainda a fragilidade da autotumulada condição humana. Cercando o Presidente, círculos de ferro e emoção tornam-se impermeáveis aos avisos e alertas. Mas enquanto se processa a decomposição física de Tancredo Neves, o povo brasileiro, pobre, desnutrido, analfabeto, presente qual o caminho a seguir. Milhões de pessoas rezam, oram, se concentram pedindo a Deus pela saúde do enfermo. Até o adorável velhinho de barbas brancas da teologia oficial das massas foi mobilizado e ele deve ter recebido a formidável onda psíquica, pois o frágil corpo resiste a tudo e a todos. Aos terríveis bombardeios de medicamentos tóxicos, aos cortes, à tensão dos presentes, aos discursos brilhantes e desnecessários. O fragilíssimo corpo de aço do Presidente resiste, sussurrando inaudível aos eminentes professores doutores: — vocês estão sendo derrotados, todos os dias, pois o fato está muito, muito além de vocês, muito além do conhecimento oficial.

Noutros lugares, outras forças, psiquismos, sensibilidades, discernimentos, outros níveis enfim de evolução espiritual se mobilizam, à distância e anonimamente, para ajudar na luta contra a enfermidade. Um fato grandioso jamais visto no País. Na Fundação Adolf Fritz, em Recife, o sensitivo e médico pernambucano, em estado de incorporação, adverte com todas as letras sobre o caráter espiritual da "Coisa", para logo ser esquecido, se é que foi ouvido: "a cada nova cirurgia sua saúde se compromete mais e mais nas funções respiratórias, circulatórias renais". Propõe também uma ação mediúnicamente, efetiva, à cabeceira do paciente. Dia 28 de março, antes portanto da quarta cirurgia, e publicado no dia seguinte por um matutino carioca.

Dia dois de abril, terça-feira, antes da quarta cirurgia, parte um telex de Brasília, sugerindo a quem de direito a adoção da homeopatia como terapêutica para Tancredo Neves. As urgentes sugestões de consciências livres, superiores, indicavam a aplicação de energias eficazes nos sistemas extrafísicos do Presidente, com a conseqüente reper-

cussão benéfica no seu corpo físico. O telex chegou e, como era de se esperar, silêncio. Quinta-feira, quatro de abril, o autor do telex comunica-se por telefone com assessores diretos do Presidente, e dá por finda a primeira parte da sua missão. Nessas horas voavam do Rio de Janeiro dois médicos homeopatas — sem qualquer ligação com o referido telex —, um deles com longa experiência na linha pluralista, levados por um Deputado Federal. Segundo os jornais, que mal registraram o fato, eles foram "educadamente recusados". A sugestão partida de Brasília previa que os terapeutas fossem acompanhados por um grupo de consciências crísticas, já libertas das limitações do Karma físico, que iriam ajudar a nível espiritual. Elas seriam decisivas no socorro ao Presidente, orientando os médicos e dinamizando energias à cabeceira do enfermo. E evidente que tais medidas não foram anunciadas no telex, pois isso ainda é um tema maldito. — Enquanto se recusava a ajuda que era oferecida de todas as partes, por pessoas que nunca se viram entre si — até mesmo uma faixa foi aberta de frente do IC, sobre a necessidade da homeopatia —, numa sincronizada e espontânea "coincidência", lá dentro, os círculos "oficiais", eletrônicos e impotentes, apelavam em vão para toda a tecnologia disponível no Ocidente. E os comunicados prosseguiram, todos eles iniciados com as pompas oficiais, descrevendo a impossibilidade de a parafênalia eletrônica detectar os focos infecciosos e os mais recentes e poderosos antibióticos, altamente danosos nas suas conseqüências, impotentes faces às bactérias. A única coisa aliás que vence a fortaleza das bactérias é a teimosia da dedicada equipe médica, que quer vencer a "Coisa" de qualquer maneira, mesmo à custa de mais cortes, mais antibióticos, mais tubos, mais traumatismos, quando o próprio corpo do paciente já nem reage direito. Iludidos pela crença de que a vida do paciente está apenas nas mãos dos médicos, lançam-se numa tentativa furiosa e vã, capaz apenas de prolongar o martírio do enfermo.

Se o paciente fosse uma outra pessoa, seguramente não escreveríamos estas linhas, pois respeitamos até mesmo a vocação suicida de alguém — embora alertemos para as funestas conseqüências kármicas de tal gesto. Mas se trata do Presidente da República. Não de um Presidente comum e qualquer, mas de alguém que foi empurrado pelo povo e consagrado agora em pleno sofrimento. De um Presidente cuja assunção, não concluída, se deveu inclusive ao esforço de pessoas que sofreram perseguições e martírios de todo tipo. Não se trata aqui do Tancredo familiar ou mesmo aquele de São João Del Rey, mas do Presidente incumbido pela Hierarquia Espiritual de evitar o caos oficial, caos institucionalizado, a partir de janeiro de 1985. Este Presidente está ligado estreitamente a cada um de nós, por isso devemos falar e estar além das incompreensões. A fortificação íntima que se montou ao seu redor, no seu desvelo amoroso, colabora involunta-

riamente para deter as sugestões e avisos que chegam de todo lado. E, mais ainda: a equipe médica que o assiste é tecnicamente hábil, com invejável currículo, mas, espiritualmente, é absolutamente irresponsável. Assumimos o que dizemos neste momento ao constatarmos a sua teimosia, e pedimos que caiam sobre nós as conseqüências kármicas se forem más as nossas intenções ou se estivermos errados. Quando a sobrevivência física do Presidente da República está nas mãos de uma equipe de 72 pessoas que detêm a mais sofisticada tecnologia do Ocidente e a doença "misteriosa" — repetimos, chamada de "Coisa", pela equipe —, todos os dias se mostra vitoriosa, e se insiste às escuras, teimosamente, sem se ouvir o apelo à mudança, não de nomes, mas sobretudo de qualidade terapêutica e postura espiritual, e quando isso é recusado, não há outra qualificação para tal gesto, a não ser chamar a equipe à responsabilidade, não perante a lei dos homens, mas a própria Lei. Fechados nos seus saberes oficiais, chegamos às raias da ignorância quando um médico com função pública diz em entrevista de TV: "Respeito a homeopatia como medicina paralela, mas não nesse caso pois as bactérias são muito resistentes". Saber oficial que desconhece tudo da homeopatia, pois a confunde com antibiótico.

O que se passa lá dentro do IC, nestes dias — uma realidade a clamar por um novo espírito, uma nova atitude, uma nova prática — de certa forma simboliza e condensa o que se passa no Brasil e no mundo. A vida explode e grita alertando que é preciso retificar rumos e trocar de objetivos; que é preciso cooperação, fraternidade e autoconversão. E preciso que nos saibamos pequenos e no entanto partes indissolúveis de um Todo Infinito, regido por um princípio universal de coesão que cria, mantém e dissolve as vidas físicas, sejam corpos/sejam galáxias, depois de cumpridos os seus objetivos, princípio disciplinador da harmonia e da evolução, a que comumente damos o nome de Amor (reduzido neste "mundo emborçado" à atração sexual e seus mercados). Inconscientes — embora titulados —, repetimos diariamente a cantilena da demagogia e do egocentrismo, indiferentes aos avisos, alertas e sinais que nos assediam — o descaminho nos levará ao ápice da hecatombe, purificadora, necessária e dolorosa. E no entanto já foi repetido ao cansaço, para todo o globo saber: — batei, abrir-se-á; procurai, e achareis.

Numa perspectiva menor, abramos espaços para novos saberes, simples, mas profundos, destituídos de qualquer veleidade de poder, sem qualquer ligação com as riquezas de César, mas sintonizados com a própria dinâmica cósmica. A homeopatia, a acupuntura, a fitoterapia, a cromoterapia, as técnicas naturais fazem parte do novo (e antiquíssimo) acervo para esta dura transição, e o terceiro milênio. A alopatia e a cirurgia devem aceitar os seus novos companheiros. E temos também ainda o chamado mediunismo de cura, tão antigo quanto o próprio homem — apesar da negação das ortodoxias, das inquisições preteritas e atuais, da ignorância científicista

que tenta pôr o Brasil oficial à direita do próprio Kremlin. No momento em que escrevemos estas linhas, os comunicados médicos tentam trazer a ilusão da recuperação do Presidente. Tentarão assim novas truculências alopató-cirúrgicas, novas agressões ao debilitado e quase inerte corpo físico do enfermo. Em vão. A "Coisa" é uma conjugação de vertentes biológicas e espirituais e somente poderá ser enfrentada com a adoção de três medidas conjugadas:

- 1) homeopatia;
- 2) energização mediúnicamente à cabeceira do paciente;
- 3) intensificação e sincronização das preces nacionais, com melhor utilização desse oceano psíquico.

Aconteceu: em 1915, zarpou de Nova Iorque o luxuoso transatlântico Lusitânia, repleto de magnatas com destino à Europa. O mundo se estracalhava na primeira guerra. Os alemães repetiam os avisos: — iremos torpedear o barco. As agências telegráficas, os repórteres, todo mundo sabia do que deveria ocorrer ao orgulhoso barco. Vendiam-se até postais com os dizeres: "A última viagem do Lusitânia". O multimilionário Alfredo Vanderbilt, um dos passageiros, ao ser alertado para não viajar, sorria acenando para a pequena multidão presente ao seu bota-fora. Dias depois, perto da costa britânica, o Lusitânia afundava, levando consigo quase todos os passageiros e tripulantes. O mundo, que só sabe aprender com as tragédias (e nem assim), é uma espécie de Lusitânia. A vida alerta em avisos de todo tipo. Os contactos com as dimensões extrafísicas se multiplicam (o que não significa que não haja charlatanismo), aqui e ali, colhendo na sua compaixão ateus e teístas, penetrando até mesmo nas fortificações ideológicas do Kremlin, nas muralhas dogmáticas do Vaticano e nos pentágonos. Mas nem assim aceitam a evidência do Karma ("semeando e colhendo"), a pluralidade dos mundos habitados, a reencarnação, a unicidade da vida. Negam-se assim ao atormentado planeta a possibilidade de uma greta, de um fóforo na crescente escuridão. Antiquíssimos saberes que poderiam ajudar a libertar o ser humano são negados (antes de serem conhecidos), ridicularizados, escamoteados. Teme-se, certamente, a perda de poder, de prestígio, e no entanto esses saberes buscam apenas ajudar o homem a se libertar por si próprio. "Trabalhai com afinco pela vossa libertação", é o lema. Caminha perdido o pobre ser humano, ofuscado pela luz branca das gloriolas e misérias. E no final, num leito qualquer, nos últimos segundos ele percebe parte daquilo que não conheceu, durante anos, não quis saber ou que seu Karma não lhe facilitou que soubesse, devido a sua pesada condição de devedor.

Mas o globo marcha, marcial robot, morrendo de fome, de tóxicos e desamor, queimando um trilhão de dólares anualmente em armamentos, minorias desperdiçando suas fortunas e juventudes sendo lançadas aos matadouros das dezenas de guerras atuais. Mundo de Irãs e Iraques, veias abertas, preparando-se para o próximo e derradeiro festim, com o Grande Cogumelo desintegrador a sobremesa.

A essas palavras, gargalhadas, zombarias.

Em São Paulo, se esvai o Presidente.

Nas ruas, prece, lágrimas, suplacas.

Cego e surdo, segue o mundo a sua colheita.